

FORA DO ALFABETO?¹

HIBRIDISMO E NORMATIZAÇÃO DE IDENTIDADES SEXUAIS

Marcus Vinícius AVELAR

Mestre em Linguística pela Unicamp (2008) e doutorando em Linguística Hispânica pela The City University of New York.

E-mail: marcusavelar@gmail.com

Resumo

A partir do diálogo entre teorias sociais (sobretudo HALL, 1992 e 1998, e BRUNER, 1990) e da linguagem (AUSTIN, 1970 e 1998) o presente artigo analisa identidades sexuais não-padrão tal como apresentadas no *site* MixBrasil. Busca-se compreender como tais identidades são linguisticamente constituídas e também o lugar que ocupam na economia do *site*. Conclui-se que as identidades citadas tanto contestam a norma do *site* quanto contribuem para seu estabelecimento, pois se constituem hibridamente e apresentam marcas do outro contra/com o qual tal norma é forjada.

Palavras-chave

sexualidade; identidades híbridas; performatividade

¹ No presente artigo retomo e repenso algumas das questões que abordei em minha dissertação inédita de mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp, sob orientação de Kanavillil Rajagopalan (AVELAR, 2008) e com auxílio financeiro do CNPq, ao qual agradeço.

Introdução

A partir de teorias sociais contemporâneas sobre a construção híbrida de identidades, o presente artigo dialoga com a *visão performativa da linguagem* encontrada nos últimos trabalhos de Austin (1970, 1998) e busca nela instrumental analítico para investigar algumas das identidades sexuais *explícitas* nas Cartilhas do *site* MixBrasil. Mais especificamente, interessam aqui as sexualidades cuja classificação dão mais trabalho aos redatores do *site*; aquelas que parecem não se encaixar em qualquer das letras das siglas utilizadas em outros textos (GLS, GLBT, LGBTT). Busco analisar tais sexualidades em dois movimentos.

Num primeiro momento, localizo quais identidades sexuais são essas e procuro compreender quais são os mecanismos linguísticos utilizados em sua forja. Após isso, estudo de que maneira tais sexualidades se relacionam a outras presentes no *site*, buscando compreender que lugar ocupam na economia do alfabeto da diversidade sexual do MixBrasil.

Contudo, como o hibridismo parece ser a característica fundamental de construção de tais identidades, cuja enunciação ocorre num terreno em que cooperam e concorrem diferentes modos de se viver a sexualidade, cabe, primeiramente, especificar que terreno é esse e retomar algo do que já foi dito sobre ele. Cabe, ainda, dizer de que maneira os estudos sobre identidades sexuais no Brasil relacionam-se a outras teorias sobre a identidade e que diálogo se pode estabelecer entre as teorias sociais e linguísticas mencionadas. Uma vez estabelecidos os termos nos quais tal diálogo pode ocorrer, explicito alguns dos pontos da proposta austiniana que me parecem particularmente proveitosos para se pensar o *corpus* selecionado.

Sexualidade à brasileira

Quando a homossexualidade foi discursivamente criada, ela o foi por oposição à heterossexualidade — e vice-versa (ARIÉS, 1985; FOUCAULT, 2003; LAQUEUR, 2001). De acordo com essa maneira binária de perceber a sexualidade, o desejo de cada indivíduo pode orientar-se para outros indivíduos do mesmo sexo biológico que o seu (o que caracterizaria a homossexualidade) ou para indivíduos do sexo biológico *oposto* (constituindo a heterossexualidade). Há, ainda, quem considere que não há necessariamente preferência por um ou outro sexo; a isso dá-se o nome de bissexualidade.

É inspirado nessa concepção binária de orientação sexual — e de sexualidade — que o movimento homossexual brasileiro buscou e busca constituir positivamente uma identidade *gay* (FACCHINI, 2005; FRY, 1982; MacRAE, 1990; MONTEIRO, 2000). Tal identidade é constituída sobretudo a partir do modelo norte-americano, nos moldes do que tem sido considerado uma proposta igualitária. De acordo com tal proposta, ninguém é mais ou menos *gay*, assim como não se é mais ou menos heterossexual. Ou se é *gay*, ou se é

hétero.² A orientação sexual é, assim, vista como um traço definidor de uma identidade perene.

Este não é, contudo, o único paradigma a partir do qual pode-se pensar as identidades sexuais no Brasil. Em *Para inglês ver, identidade e política na cultura brasileira* (1982), Peter Fry analisou questões relativas à religiosidade, raça e sexualidade no Brasil. Ao estudar as relações raciais em nosso país, apontou que o modelo binário negro/branco, tão produtivo nos Estados Unidos, não se aplicava às classes populares brasileiras. O modelo binário (que Fry chama “bipolar”) estaria presente nas classes médias urbanas. Por outro lado, o que vigoraria entre as classes populares seria o que o autor chama de “modelo múltiplo”. Nesse texto social que é, a exemplo do que acontece com a obra de Dostoievski (BAKHTIN, 2008), tecido por múltiplas vozes, o que se observa, de acordo com Fry (1982), é um gradiente de cor. O *branco* e o *negro* existem, mas também existem o *mulato*, o *moreno-escuro*, o *moreno*, o *moreno-claro*, o *bronzado*, o *pardo* etc.).

Fry (1982) nota que, a exemplo do que ocorre nas relações raciais, as identidades sexuais no Brasil, ao menos nas ditas camadas populares da população, definem-se sempre relacionalmente, a partir de uma espécie de *índice de masculinidade*. Existiria uma escala de masculinidade, indo do *hétero* ao *travesti*. Entre um extremo e outro, estariam o *bofe* (que pode ser *heterossexual* ou não), os *gays* e as *bichas*, por exemplo.

Nessa escala, a tendência seria que os mais masculinos desejassem os mais femininos (e vice-versa). De todo modo, não haveria um padrão fixo, excludente (MONTEIRO, 2000 p.109). Quanto mais *masculino* um indivíduo, mais valorizado ele é. Um modelo de análise de tais práticas poderia ser pensado, então, não apenas como múltiplo, mas também como *hierárquico*. Se alguma oposição binária puder ser pensada aqui, será a oposição *ativo/passivo*. Mas o imaginário hierárquico (e as práticas associadas a ele) não são exclusividade brasileira. De fato, a constituição híbrida de identidades parece ser a norma.

Fragmentando e narrando sujeitos

O debate atual em torno do conceito de identidade, quer se fale em identidade de gênero, raça, etnia ou qualquer outra, passa, necessariamente, pela discussão sobre o estatuto do “sujeito”. Stuart Hall (1992; 1998), um dos pensadores contemporâneos mais influentes neste campo, assim coloca a questão:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo

² Às vezes, admite-se a possibilidade de alguém ser bissexual, embora frequentemente considere-se que um bissexual é um homossexual que não quer se assumir.

mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1998, p.7)

Estaríamos, de acordo com Hall (1998), passando por um momento de transição, no qual aquilo que tínhamos por referência está perdendo o sentido. Para o autor, já não faz mais sentido pensar uma identidade “sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna” (HALL, 1992, p. 108). As identidades da modernidade tardia, período no qual nos encontramos, são “fragmentadas e fraturadas” (HALL, 1992, p.108), construções realizadas a partir de múltiplos discursos, práticas e posições que se cruzam, às vezes de forma antagônica. As identidades da modernidade tardia, que seriam constituídas por atos de linguagem, estão em constante processo de mudança e transformação (HALL, 1992; 1998).³

O psicólogo Jerome Bruner (1990), ao pensar sobre o mecanismo linguístico de construção de identidades, afirma que as identidades não existem no *mundo real*, o que quer que isso signifique.⁴ Pelo contrário, as identidades se constituem, historicamente, como narrativas. Todas as narrativas são construídas a partir de um pano de fundo, que nada mais é do que um conjunto de outras narrativas (talvez fosse melhor dizer *crenças*) compartilhadas por uma dada comunidade ou grupo. Mas se existe uma grande narrativa-base (no caso que me interessa, identitária) que é compartilhada por um certo conjunto de indivíduos, por que, então, haveria narrativas particulares desviantes?

Ora, as narrativas particulares são construídas porque o ideal da grande narrativa compartilhada não se realiza plenamente. O que existe (sempre em forma de discurso) são apenas versões desse ideal, todas elas mais ou menos desviantes. Nessa perspectiva, o *desvio* do padrão é não só *natural*, como pré-condição para que as narrativas, todas elas, existam. É pelo desvio que a norma se constitui — e vice-versa.

Ora, a afirmação de que as identidades são híbridas e constituídas por atos de linguagem, como fazem Bruner e Hall, implica, como já apontou Latham (2006), que elas estão sujeitas a algumas das propriedades da linguagem — os processos de significação, especialmente. Mas que processos seriam esses?

Fazendo coisas com palavras

Como coloca Pinto, a linguagem é um elemento central de garantia de identidades porque

As ações não linguísticas que postulam o sujeito, quando descritas, são ao

³ Neste ponto, as visões de Hall e Bhabha (2005) não diferem muito em relação à natureza híbrida da constituição de identidades.

⁴ Existe, na proposta de Bruner (1990), espaço para existência de fatos pré-linguísticos. Contudo, o que me interessa no presente trabalho não é tal espaço — e os objetos que podem, de acordo com o autor, ocupá-lo —, mas sim a hipótese de Bruner segundo a qual as identidades se constroem como narrativas.

mesmo tempo repetidas nos atos de fala que as descrevem. A linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar. Assim, identidade não preexiste à linguagem; falantes têm que marcar suas identidades assídua e repetidamente, sustentando o “eu” e o “nós”. A repetição é necessária para sustentar a identidade precisamente porque esta não existe fora dos atos de fala que a sustentam”. (PINTO, 2002, p. 97)

Dessa forma, a iterabilidade está no centro das ações que garantem a identidade. Afirmar isso significa comprometer-se com um sujeito que não se constitui como auto-determinado, capaz de realizar todas as suas vontades. Pensar a identidade nessa chave nos leva a um conceito que Austin formulou na IX conferência do *How to do things with words*, o conceito de “uptake” (traduzível como “apreensão”). Ao formular tal conceito, Austin não se mostra ingênuo e reconhece a fragilidade que ocupa a intencionalidade dos atos ilocucionários, em sua relação com os atos perlocucionários.

Ainda segundo Pinto (2002), “uptake” é a maneira, semelhante a um jogo, na qual se constitui, linguisticamente, a relação entre interlocutores e, a partir daí, o significado. A noção de “uptake” descentraliza o falante, exige a alteridade, fragmenta sentidos e efeitos, de modo que há espaço para *restos* de atos de fala — que produzem uma polissemia irredutível (PINTO, 2002, p. 79).

Está aí a razão da possibilidade de diálogo entre a teoria social contemporânea que entende que as identidades não são estáveis (mas contingentes e/ porque são linguisticamente constituídas) e a teoria dos atos de fala tal como a entendo aqui. Cabe, agora, explicitar quais são os conceitos das propostas de Austin que servirão de norte às análises aqui apresentadas.

Na primeira das conferências de seu *How to do things with words* (1962), Austin esboça uma distinção entre dois tipos de enunciados: os constativos e os performativos. Enunciados constativos, aqueles utilizados para *descrever fatos*, poderiam ser analisados em termos de verdadeiro/falso, ao passo que os performativos, que são utilizados para *realizar ações*, não poderiam ser nem verdadeiros nem falsos, mas tão somente felizes ou infelizes. Todavia, quando avança em sua análise, Austin traz um argumento interessante:

Quando percebermos que o que temos de estudar não é a sentença, mas o proferimento de um enunciado numa situação de fala, não haverá mais a possibilidade de não percebermos que dizer é realizar uma ação (AUSTIN, 1970, p.138 — tradução livre).

Após falhar ao estabelecer critérios linguísticos para diferenciar constativos de performativos, e logo após considerar o ato de afirmar (*locus* clássico da constatividade) como um ato performativo, Austin argumenta que a distinção percebida entre enunciados performativos e constativos é simplesmente o resultado de um processo histórico (1970, p.145).

Ao longo de tal processo histórico, uma série de atos de fala foi repetida inúmeras vezes até que tivéssemos a impressão de que certas sentenças afir-

mativas fossem meras descrições de um fato natural. Em suma, enunciados constativos não são nada além de performativos disfarçados.

Baseado em seu entendimento de linguagem como indissociável do falante — e também na destruição da dicotomia performativo/constativo, Austin sugere que consideremos que a linguagem é ação. Não apenas um determinado conjunto de enunciados seria performativo, mas a própria linguagem. É desse pressuposto que Austin parte em direção à busca de uma teoria dos atos de fala.

A teoria dos atos de fala, em sua versão austiniana, afirma que cada ato de fala é composto de três *sub* atos: o locutório (que é o ato *de* dizer algo, desde que este algo seja uma sentença bem formada), o ilocutório e o perlocutório.

O ato ilocutório é a força ou intenção presente em nossos proferimentos e geralmente é ritual e convencional. Podemos, por exemplo, informar, ordenar, advertir, humilhar etc. O ato perlocutório, o que realizamos *por* dizer algo, é o efeito obtido por meio de uma certa ilocução (como ser ou não bem-sucedido em convencer, seduzir, ameaçar etc.).

Dois aspectos devem ser destacados aqui. Em primeiro lugar, a ilocução não é algo que é aplicado sobre a locução; ambos os atos coocorrem. Isso é o oposto da teoria de Searle (1969) de acordo com a qual a força proposicional é impressa em uma proposição. Ademais, um terceiro ato simultâneo é a perlocução. Ao trazer à tona este terceiro ato, Austin revoluciona o campo da pragmática: os *ouvintes* deixam de existir e são substituídos por *interlocutores*.

Além disso, o ato de fala não é linear. Todos os três atos por ele abarcados interagem e co-ocorrem, fazendo com que seja difícil determinar exatamente quando um deles cessa para o que outro se inicie. Dentro deste paradigma, a significação tem de ser negociada a cada ato de fala por todos os seus participantes.

Entender a significação como algo dinâmico, interpessoal e aberto, negociado a cada ato de fala por sujeitos que ocupam posições diferentes em atos diferentes, tem como consequência abandonar a concepção de sujeito como atômico e linearmente coerente. Ademais, entendendo-se a significação dessa maneira também se entende a importância que a iterabilidade dos atos de fala tem na proposta de Austin.

Por um lado, justamente porque a significação é dinâmica, interpessoal e aberta, é pela repetição que se constroem convenções: estabelecem-se lugares discursivos, sujeitos aptos a ocupar esses lugares e enunciados apropriados a cada um dos ocupantes de cada lugar.

Por outro lado, é também justamente pelo caráter dinâmico, interpessoal e aberto da significação que a repetição é *locus* possível da ressignificação. Pode ocorrer que, numa das muitas reiterações de um ato de fala, ocorra uma significação diferente da esperada, o que abre caminho para a reanálise de uma determinada convenção. Ou seja, a iterabilidade do ato de fala possibilita tanto a instauração de uma convenção quanto a subversão da mesma.

Neste ponto do texto, é necessário responder duas perguntas: (i) quais são os atos de fala presentes nas Cartilhas do MixBrasil e (ii) por que, afinal,

esse *site* é tão relevante para a compreensão de identidades sexuais em nossos dias? Começemos respondendo a segunda pergunta.

Letras fora do alfabeto?

Atualmente, o lugar privilegiado de construção da identidade *gay* — e de outras identidades não-heterossexuais — no Brasil contemporâneo parece não ser o saber médico, os vários discursos religiosos e nem o movimento homossexual militante tradicional, mas sim a mídia. Esse processo começa a ocorrer a partir dos anos 1990, quando há uma grande segmentação do mercado editorial no Brasil e surge o que se pode chamar de *mídia gay*: publicações voltadas ao público homossexual masculino que não necessariamente tinham no nu ou no intercurso sexual seu principal apelo comercial. Nesse processo de criação midiática de uma identidade *gay*, a internet ganha papel de destaque. Os veículos de comunicação online têm visibilidade mesmo nos períodos em que a mídia impressa enfrenta grandes dificuldades, como a falta de anunciantes, por exemplo.

Dentre os vários *sites gays* que surgem na década de 1990, o MixBrasil ocupa uma posição central para a visibilidade *gay*, na medida em que conecta, entre outros, pessoas, instituições e reivindicações políticas. Como se não bastasse, o *site* citado passa a ser hospedado num grande portal brasileiro. Entre as diversas seções do MixBrasil, o item Cartilhas é fundamental, uma vez que tem um papel normatizador da identidade *gay* (e de outras identidades do público do Mix), ocupando um lugar superior na hierarquia do *site*.

Todavia, os discursos normatizadores do Mix parecem nem sempre seguir uma lógica óbvia, *reta*. Há práticas sexuais que, ao menos à primeira vista, estão sem lugar no alfabeto da diversidade sexual — e são essas que nos interessam aqui. Nas cartilhas do MixBrasil, os homens que fazem sexo com outros homens e se consideram heterossexuais são o assunto de três textos: “Héteros que fazem”, “As menininhas” e “Homens de calcinha”.

Que fazem os héteros?

Todos os entrevistados para o texto “Héteros que fazem” atribuem seus episódios de interação sexual com outros homens à “bebida” ou ao “tesão”, afirmando que tal interação ocorre apenas em momentos de “curtição” ou “farra”, ou seja, sem qualquer envolvimento que estenda para além daquele momento. Os entrevistados são unânimes ao afirmar que seu envolvimento com outros homens não compromete sua heterossexualidade. Em suma, justamente porque são homens, têm um grande desejo sexual ao qual precisam dar vazão. O desejo sexual masculino é da ordem da natureza e tem de ser exercido.

Não há menção explícita às posições que devem ser adotadas por cada sujeito quando da atividade sexual. De todo modo, esse não-dito não cala a exposição de uma gramática de licenças e interditos, que, para utilizar uma

expressão de Douglas (1976), identifica um local de perigo no corpo masculino. No encontro sexual com outro homem, os abraços são permitidos e os beijos interditados (devem ocorrer apenas com mulheres). O sexo oral também tem um tabu: ser hétero é não fazer sexo oral no parceiro, apenas receber. Em suma, a boca do sujeito *hétero* não deve tocar o corpo do parceiro sob pena de por em risco o contrato firmado entre as partes.

Na fala de Henrique Oliveira, um dos entrevistados, a dicotomia *hétero/gay* fica explícita, especialmente quando ele diz “(...) desde que eu não tenha tanto envolvimento com o *gay*, não vejo problema”. Nota-se, aqui, a necessidade de uma assimetria: o envolvimento entre iguais não pode ocorrer. O encontro sexual entre um homem *hétero* e outro homem só acontece se o outro estiver identificado como *gay*.

Longe de ser rechaçada, tal visão parece ser bastante aceita por aqueles que se auto-identificam como homens *gays* e afirmam já ter mantido relações sexuais com homens heterossexuais. Outro entrevistado, o escritor e roteirista Stevan Lekitsch, diz o seguinte:

Eu acho super válido. A humanidade está chegando a um ponto em que todo mundo está livre para experimentar o que quer. Não sou da opinião de que hétero que faz é *gay*. Penso que hétero que faz é hétero que tem experiências com outro homem. Vou dar um exemplo muito parecido: não é porque você comeu salada no almoço, que pode ser chamado de vegetariano.

Lekitsch não reconhece na assimetria necessária à interação “*hétero que faz*” vs. “*gay*” um comportamento retrógrado, muito pelo contrário. Chega mesmo a justificar seu ponto de vista com um exemplo vindo do campo das dietas alimentares. Um ato, seja ele isolado ou de ocorrências múltiplas, não faz com que uma pessoa possa ser inequivocamente ligada a uma identidade. Na fala de Lekitsch, o modelo igualitário professado pelo MixBrasil teve seu caráter de vanguarda ameaçado — e o *site* responderá prontamente.

Cristiane Mendes, psicóloga, é convidada a falar sobre o tema e oferece um parecer profissional no qual afirma que os *héteros que fazem* escondem sua bissexualidade. Para Mendes, portanto, a bissexualidade é uma orientação sexual ao lado da homossexualidade e da heterossexualidade.

Sua colega Cátia Oliveira também é consultada. Oliveira concorda com Mendes quando afirma que, se ser bissexual for uma questão de prática sexual, então os *héteros que fazem* são bissexuais. Por outro lado, Oliveira também afirma que, no momento em que estão fazendo sexo com outros homens, os *héteros que fazem* são *gays*, embora possam não sê-lo em outros momentos de sua vida.

Dito de outro modo, a um ato de fala que ilocuciona um espaço para a existência de homens que fazem sexo com homens — sem que tais sujeitos se enquadrem nas classes previamente fornecidas pelo *site* — o MixBrasil apresenta um outro ato de fala (efeito perlocucionário do primeiro e resposta ilocucionária a este) que reitera as categorias anteriormente expostas, quais sejam, *gay* e *bissexual*, organizando nelas e por elas os sujeitos.

Justamente porque enunciados dos universos *hierárquico* e *igualitário* coexistam nos atos de fala dos entrevistados, a reiteração imediata do ato de fala normatizador das Cartilhas vem para salvar o modelo proposto pelo *site*. Contudo, tal modelo não parece tão fácil de ser salvo em dois outros textos que falam sobre homens que fazem sexo com homens sem se considerar *gays*.

Meninhas

Em “As meninas” são apresentados homens que se consideram heterossexuais e gostam de ser passivos na relação sexual com outros homens — desde que estejam usando calcinha. É assim que Paulo, um desses homens, apresenta-se:

Sou um cara estranho com fetiches estranhos. (...) no dia-a-dia sou um cara normal, trabalho com roupa social, um cara super sério. Mas na realidade, amo de paixão usar calcinhas. Como sou casado, pego as da minha esposa, escondido. Digo que é pra ficar lembrando dela, mas acabo vestindo eu mesmo. Também adoro brincar com vibradores e *plugs* anais. (...) viro menina para os meus machos.

Na fala de Paulo, vemos que os momentos em que sua identidade de gênero é alterada (por meio de indumentária específica aliada à determinada prática sexual) não comprometem o sucesso de sua carreira heterossexual. Afinal, Paulo é um “cara normal” no dia-a-dia, que usa roupa de homem e é casado com mulher. Os *machos* das meninas tampouco veem a si mesmos e a seus parceiros como *gays*. Em geral são homens casados com mulheres que afirmam sentir tesão por outros homens apenas se estes estiverem usando calcinha.

Se não se definem como *gays*, os *machos* e as *meninhas* também não se definem como *bissexuais* e, via de regra, nem como *heterossexuais*. Afirmam ser homens que gostam de suas esposas e do sexo com mulheres — além de, eventualmente, fazer sexo com outros homens desde que ocorra uso da calcinha.

Aqui podemos escutar, mais uma vez, a polifonia discursiva. Existe, no ato de fala dos homens ouvidos para este texto, um ato ilocucionário interessante, que performatiza dois lugares e práticas. No primeiro desses lugares, o mais duradouro deles, todos os homens são iguais: são casados, gostam de suas esposas, têm um comportamento facilmente identificável como heterossexual. No segundo dos lugares, o mais fugaz, há uma clara oposição ativo/passivo que se coloca não nos termos dos *héteros que fazem*, de acordo com os quais um *hétero faz um gay*, mas em termos nos quais um *macho* penetra uma *meninha*. Ao contrário dos *héteros que fazem*, a diferença aqui se dá não num gradiente de masculinidade, mas na oposição clara entre um elemento masculino e outro feminino — oposição esta nitidamente marcada no corpo, por meio da indumentária.

Em outras palavras, o que a fala desses homens enuncia é uma diferen-

ça de aspecto⁵ em termos identitários. Para eles, é perfeitamente possível *ser* “normal” e *estar* “macho” ou “menininha”. Os atos de fala instauradores de tal lógica conhecem uma iterabilidade bastante efetiva, a ponto de, ao menos aparentemente, a pergunta do *site* pela identidade sexual dos entrevistados não os abalar.

Já ao final do texto, ao comentar sobre a quantidade de comunidades na internet dedicadas aos interessados no sexo entre homens quando um deles usa calcinha, o texto do Mix nos diz que a popularidade de tais comunidades, entre outras coisas, “mostra também que os padrões historicamente estabelecidos sobre o que é orientação sexual e gênero são bastante fluidos”.

O texto “As meninas” foi publicado em 11 de maio de 2006. Pouco mais de dois meses depois, quando se publica “Homens de calcinha”, o ato de fala que naturaliza tal prática sexual parece ter sua felicidade ameaçada.

Ainda a calcinha

Se, em “As meninas”, os homens entrevistados puderam apenas falar a respeito de suas preferências sexuais, aqueles ouvidos para “Homens de calcinha” têm de justificá-las. No parágrafo de abertura do último texto citado, lê-se:

O desejo segue caminhos nem sempre fáceis de detectar. É compreensível que um homem queira mudar de sexo ou assumir uma identidade feminina, como fazem transgêneros e travestis. Mas o que dizer de homens que gostam simplesmente de usar calcinhas, sem querer “virar fêmea”? e aqueles que se sentem atraídos por esses homens? O MixBrasil foi investigar essa sexualidade alternativa.

O primeiro entrevistado, representante da categoria *macho* da “sexualidade alternativa” em escrutínio, reitera os atos de fala de seus companheiros de “As meninas”. Dessa vez, porém, o entrevistador não é condescendente e confronta Diego, o entrevistado com o fato de o seu parceiro sexual ser um homem. O entrevistado, por seu turno, diz “mas o comportamento não é de homem”.

Também é entrevistado o enfermeiro Leandro, cujo ato de fala reitera o de Diego, que, por sua vez, já era reiteração de atos de fala anteriores. Quando tudo parece caminhar ruma à constatividade — a despeito do esforço inicial do texto no sentido de exotizar a prática dos entrevistados — há um corte.

O ato perlocucionário presente no MixBrasil não é de aceitação dos *atos*, mas antes de questionamento. Como os homens ouvidos parecem não cooperar para a legitimidade de tal questionamento, são convocadas outras vezes capazes de fazê-lo. E o fazem reiteradamente.

⁵ Utilizo aqui o termo “aspecto” tal como ele é usualmente empregado em semântica (CHIERCHIA, 2003).

O ápice do esforço do *site* no sentido de exotizar os praticantes do sexo com calcinha ocorre no parágrafo em que é novamente consultada Cátia Oliveira. Ela diz:

É uma cabeça muito complicada, tanto para quem usa quanto para quem gosta de sair com homens que usam. No primeiro caso, pode ser que haja medo de se assumir ou ter que enfrentar o que a sociedade faz com os transgêneros. Fica só uma lembrança de um desejo que não se realiza completamente (...) não sei se vai ser possível um dia descobrir o porquê, mas certamente é uma cabeça complicada. Por que precisa desse elemento feminino para se excitar? O que isso significa? Pode também estar presente o desejo de subjugar outro homem, fazê-lo “mulherzinha” no sentido pejorativo.

A contribuição de Cátia traz uma série de questões, das quais comento duas. A primeira delas é a hipótese de acordo com a qual os homens que usam calcinha seriam, na verdade, transgêneros que reprimem seu desejo. A identificação do outro como *não-assumido* ocorre em outros textos das Cartilhas, quando os entrevistados se recusam a tomar para si uma das letras da sigla LGBTTT. Ou seja, no ato de fala normatizador das Cartilhas não há simplesmente a performatização de um ato que enuncia a existência de diversidade sexual, mas sim de *uma* determinada diversidade sexual. Idealmente haveria um sistema fechado de práticas sexuais e identitárias que não permite exceções. Qualquer elemento desviante de tal sistema será caracterizado como *não-assumido* e, dessa maneira, classificado em um dos grupos disponíveis.

Outro aspecto interessante da fala de Cátia é sua reiteração do sintagma “cabeça complicada”. A reiteração de tal ato de fala realiza uma performance bastante interessante: está a um passo de patologizar o outro. Nada muito diferente dos atos de fala que, há muitas luas, enunciaram — e criaram — o *homossexual* (ARIÉS, 1985; FOUCAULT, 2003; LAQUEUR, 2001).

O desfecho de “Homens de calcinha” difere do de “As meninhas”. Aqui, lemos que “como diz a música, ‘qualquer maneira de amor vale a pena’ — até as mais difíceis de entender”. Com este proferimento, bastante menos celebratório que o do texto anterior, fecha-se um texto que buscou fechar portas.

Negociando a diversidade

Almeida (2000) afirma que na aldeia portuguesa de Pardais a masculinidade é frágil e a homofobia é uma das maneiras de garantir sua hegemonia. Anos antes, Agnes Heller já havia dito que “o sistema de preconceitos não é imprescindível a qualquer coesão social enquanto tal, mas apenas à coesão internamente ameaçada” (HELLER, 2004, p.54). Como pensar os textos comentados na seção anterior na companhia desses dois pensadores?

Assim como naquela aldeia portuguesa, as masculinidades das Cartilhas do MixBrasil também são frágeis — é preciso reiterar continuamente os atos de fala que as performatizam para que elas continuem existindo. Esses atos de

fala são claramente corporais, uma vez que é nos e pelos corpos dos sujeitos enunciados que se constituem identidades — quer elas sejam enaltecidas ou aviltadas.

A masculinidade é tão frágil que sua performatização corre o risco de ir por terra, mesmo que apenas temporariamente, por causa de uma única peça de roupa: a calcinha. Nas Cartilhas do Mix, a misoginia parece ter função análoga à da homofobia em Pardais: garantir aos homens uma existência masculina. Na lógica das Cartilhas, é preciso localizar as performances de gênero femininas num ponto mais baixo da escada de valores.

Nos textos constantes das Cartilhas (muitos dos quais não foram analisados aqui) percebe-se a enunciação afirmativa do modelo igualitário. Todavia, tal modelo não opera de maneira tão *eficaz* quanto Fry (1982) afirma ocorrer no contexto norte-americano. Parece que, ao menos nos textos aqui comentados, a inserção do modelo igualitário se dá de maneira traduzida, híbrida. As categorias desse modelo (*homossexual, bissexual e heterossexual*), ao entrar em contato com categorias próprias a um modelo hierárquico (*viado, hétero que faz, macho, menininha* etc.), mudam, adquirem novas formas, constituem novos sujeitos, categorias e, por que não, realidades.

A enunciação de uma vivência igualitária da sexualidade como sendo a ideal é ameaçada por outros atos de fala que concebem a possibilidade de um heterossexual e um *gay* fazerem sexo sem que o hétero tenha sua orientação sexual alterada. Ou seja, vivências próprias a uma estrutura rejeitada pelo *site* (a hierárquica) conseguem, em alguma medida, ressignificar convenções e adentrar a estrutura do Mix, inclusive utilizando-se da nomenclatura igualitária (*hétero e gay*).

O *site* responde a isso construindo uma hierarquia que se organiza não nos termos hierárquicos tradicionais, mas sim de maneira reinterpretada. Na nova hierarquia, iguais se relacionam entre si e há uma escala valorativa desses *iguais*.

Como já apontou Mead (2001) em seu clássico estudo etnográfico, sempre há elementos desviantes — e o MixBrasil não parece ser exceção à regra. Os “héteros que fazem” exibem códigos de masculinidade e apresentam determinada prática sexual que poderia identificá-los aos *gays* ou aos *bissexuais*, mas não apresentam a prática identitária que poderia operar tal identificação de maneira inequívoca. Mais do que isso: rejeitam identificar-se como *gays* ou *bissexuais* e afirmam que fazem sexo com *gays* de acordo com uma gramática que interdita o contato mais íntimo (reservado apenas às mulheres). Trata-se de uma maneira de pensar cara a um estilo de vivência da sexualidade (o modelo hierárquico mais tradicional) que absolutamente não se enquadra no modelo performatizado pelo *site*.

Por seu turno, as *meninhas* deixam de ser homens, ao menos temporariamente, performatizando o papel de gênero feminino tão bem que seus pares, os *machos*, chegam a dizer que não sentem atração por homens. A possibilidade de deixar de exercer uma performance de masculinidade

com tamanha facilidade e, mais do que isso, a explicação de tal ato são de um estranhamento tal que não encontram um lugar próprio nas categorias das Cartilhas. Parece lógico que, ao tentar classificar *menininhas* e *macho* em suas categorias, o *site* falhe. Considera-se a possibilidade de que tais sujeitos sejam *gays não assumidos* ou *bissexuais não assumidos* ou *transexuais não assumidos* — ou seja, eles são e não são tudo e nada que um homem não-heterossexual pode ser. Diante de uma prática tão difícil de entender (de acordo com a lógica do *site*), parece compreensível que a única coisa que realmente se possa dizer sobre esses indivíduos é que eles têm *cabeça complicada*.

Cabem aqui alguns comentários. Digo que algumas categorias parecem estar fora da escala proposta pelo *site*, mas é preciso reconhecer que tais categorias estão presentes nas Cartilhas. Como já disse Bruner (1990), as narrativas particulares e a narrativa geral constituem-se complementarmente — uma exige a existência da outra, quer seja para afirmá-la, quer seja para questioná-la. As identidades homoeróticas *não-padrão* abordadas aqui são definidas em relação às identidades-padrão já estabelecidas, nisso residindo seu caráter híbrido.

É preciso dizer, ademais, que as considerações anteriores têm caráter mais experimental que teórico. Explico-me: as identidades se constroem performativamente — o que implica sua instabilidade e constante possibilidade de reinterpretação. Isso significa que, embora seja possível teorizar sobre a maneira como as identidades engendram-se, só se pode pensar identidades específicas de maneira experimental — já que é assim, experimentalmente, que tais identidades são vividas: como contingentes. Minhas proposições anteriores têm caráter aberto porque são construídas a partir de algo igualmente aberto. As Cartilhas do MixBrasil continuam a ser escritas e nada impede que as posições da escala proposta sejam reinterpretadas, que categorias sejam forjadas e extintas, assim como nada impede que a própria ideia de uma hierarquia passe a ser considerada absurda.

Todavia, por mais que se modifiquem os discursos normativos, será difícil impedir que se comuniquem entre si e que haja discursos desviantes. Lidar com a provisoriabilidade e a permanente negociação de sentidos é um desafio a ser enfrentado por aqueles que escolhem caminhar pelo sempre movediço terreno das identidades. Afinal de contas, *hibridização* é simultaneamente nome e verbo. ☐

Recebido em 30/05/2010. Aceito em 03/07/2010

AVELAR, M. V. OUT OF THE ALPHABET? HYBRIDITY AND THE NORMALIZATION OF SEXUAL IDENTITIES

Abstract

From the dialogue between social (especially Hall, 1992 and 1998, and Bruner, 1990) and language theories (Austin, 1970 and 1998) this article analyses non-standard sexual identities as they are presented on MixBrasil. We seek to understand how these identities are linguistically constituted and also the place they occupy within the economy of the site. We conclude that the identities mentioned both dispute and contribute to the establishment of the norm of the site, for they are constituted in a hybrid fashion and present features of the other against/along with such norm is forged.

Keywords

sexuality; hybrid identities; performativity

Referências

AVELAR, M.V. *Qual a sua letra?* Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ALMEIDA, M. V. de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. 2.ed. Lisboa: Fim de Século, 2000.

ARIÉS, P. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÉS, P. & BEJIN, A. (orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 77-92.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. New York: Harvard University Press, 1970.

AUSTIN, J. L. Performativo-Constativo. Trad. Paulo Ottoni. In: OTTONI, P. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 107-144.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. s. l.: Editora Forense Universitária, 2008.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BRUNER, J. S. *Acts of meaning*. Cambridge, Massachussets: Cambridge University Press, 1990.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas ? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FRY, P. *Para inglês ver*. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HALL, S. The question of cultural identity. In HALL, S., HELD, D. & MCGREW, T. (orgs). *Modernity and its future*. London: Open University Press, 1992.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 7.ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Interpretações da História do Homem, 2).

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LATHAM, E. E. M. *Linguagem, identidade e gênero na comunicação mediada por computador: um estudo de web pages pessoais de mulheres*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MACRAE, E. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MEAD, M. *Sex & temperament in three primitive societies*. New York: Perennial, 2001.

MIXBRASIL. *As meninashas*. Disponível em <http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_57_49079.shtml>.

MIXBRASIL. *Héteros que fazem*. Disponível em <http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_57_48406.shtml>.

MIXBRASIL. *Homens de calcinha*. Disponível em <http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/4_57_48412.shtml>.

MONTEIRO, M. S. A. *Masculinidade em revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PINTO, J. P. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SEARLE, J. R. *Speech acts*. An essay in the philosophy of language. 27.ed. New York: Cambridge University Press, 2005 [1969].